

Vende-se
uma
Família



Copyright©2007 by Edições Demócrito Rocha

Editora

Albanisa Lúcia Dummar Pontes

Coordenação de Design Gráfico

Deglaucy Jorge Teixeira

Capa

Deglaucy Jorge Teixeira e Suzana Paz

Projeto Gráfico e Editoração

Suzana Paz

Foto da Autora

Cristian Ayala Alonso

Consultoria

Carlos Eduardo Bezerra

Revisão de Texto

Vessillo Monte

Catálogo na Fonte

Rodrigo Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Acioli, Socorro.
A181v Vende-se uma família / Socorro Acioli; ilustrações Suzana Paz. —
Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
120p.

ISBN 978-85-7529-344-7

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título

CDU 82-93

EDIÇÕES DEMÓCRITO ROCHA

Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora

Cep 60.055-402 - Fortaleza - Ceará - Brasil

Tel.: (85) 3255.6055 - 3255.6256 - Fax (85) 3255.6276

www.fdr.com.br/edr – e-mail: edr@fdr.com.br | fundacao@fdr.com.br



Vende-se uma Família

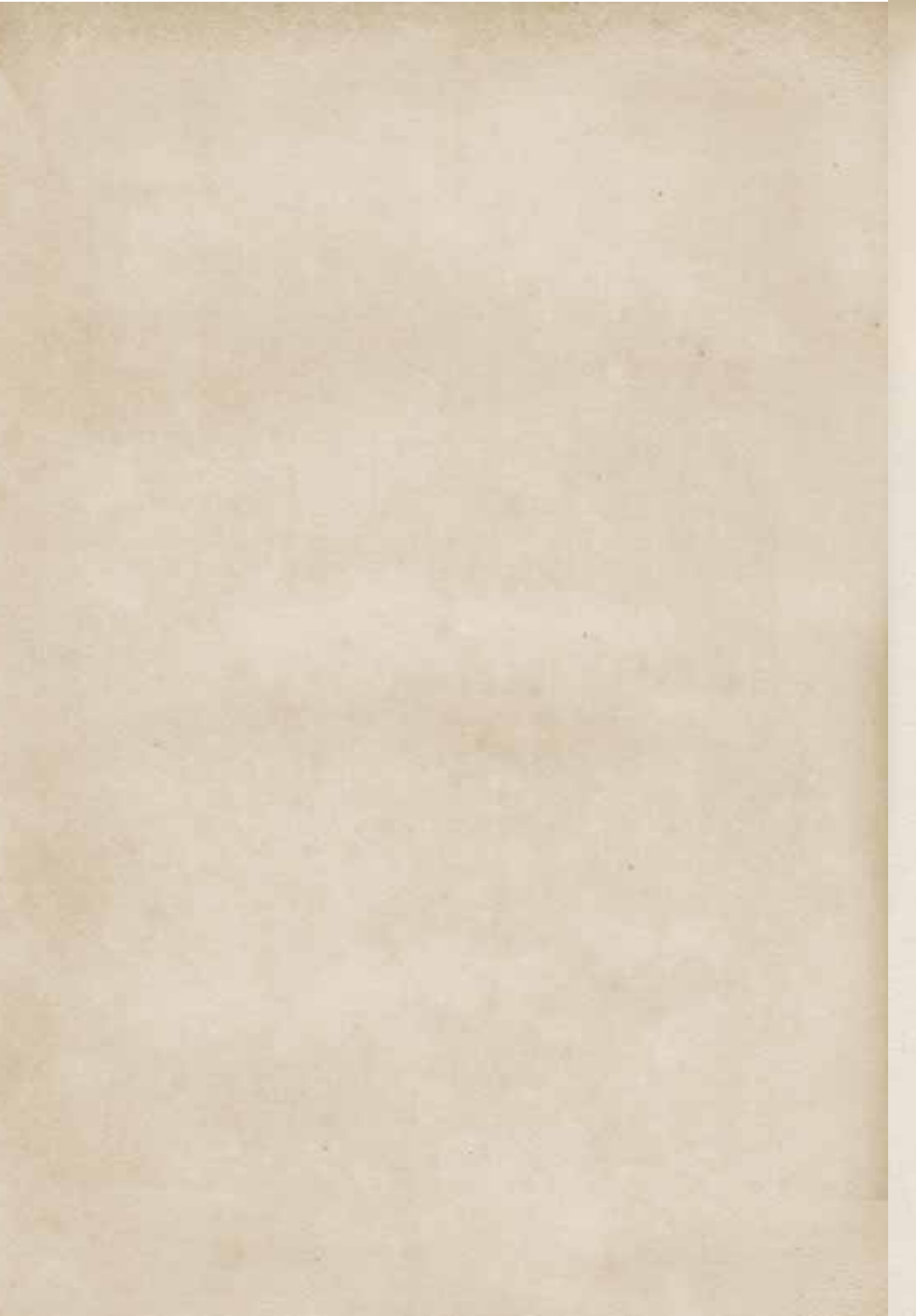
Socorro Acioli

ilustrações
Suzana Paz

Fortaleza
2007

 EDIÇÕES
DEMOCRITO
ROCHA

Para Frei Betto, com gratidão.



I ntrodução

Este livro começou a ser pensado em fevereiro de 2006, quando o escritor Frei Betto, compadre, amigo e incentivador, presenteou-me com a sugestão de escrever sobre o Dragão do Mar, personagem importante na história da Abolição da escravatura no Ceará.

Mais de um ano depois, a assessora editorial das Edições Demócrito Rocha, Rosângela Primo, sugeriu novamente a escrita de um livro sobre o tema. Assim, juntando massa e fermento, essa história começou a crescer no meu coração.

Desde o princípio, tinha claro que a idéia central não era escrever a biografia do Dragão do Mar, ou relatar os fatos do movimento abolicionista, pois já existem vários livros sobre o assunto, escritos por historiadores e pesquisadores competentes.

O meu desejo era voltar no tempo e tentar entender e traduzir o que essas pessoas sentiam: negros escravizados, abolicionistas, jangadeiros, traficantes de escravos, homens e mulheres que viveram esse momento triste que ainda é uma ferida aberta na história do Brasil.

Usei a melhor máquina do tempo que existe: a pesquisa. Busquei em jornais da época, livros, artigos e outras fontes. De todas as leituras, sem dúvida, a mais importante foi *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, uma leitura indispensável a todos os brasileiros.

Durante essa busca, comecei a enxergar o sorriso franco e a coragem de Benício, personagem principal deste livro. Era como se ele estivesse ao meu lado, contando sua vida. Depois surgiu Álvaro, com suas dúvidas, seus conflitos e, por fim, a amizade entre eles. O cená-

rio, onde situo a história, a pequena cidade de Aquiraz, foi tomando forma em imagens fortes e de cores vivas na minha imaginação.

Também preciso reconhecer a influência de Mark Twain e seu livro *As aventuras de Huckleberry Finn*, que narra a história de um menino e sua amizade com um escravo adulto, Jim, ao longo do Rio Mississippi, no sul dos Estados Unidos.

Durante o processo de escrita, contei com a ajuda preciosa do historiador Carlos Eduardo Bezerra, que me deu suporte teórico nos dados históricos sobre o período.

Pesquisas, leituras, inspiração e muito trabalho. Do telefonema de Frei Betto à publicação do livro, muitas pessoas colaboraram e agora é hora de agradecer: à Rosângela Primo, Albanisa Lúcia Dummar Pontes, à toda equipe da Fundação Demócrito Rocha; à Beatriz e José Marcos por suas doses de amor diárias e indispensáveis para fazer essa escritora feliz; à Patrícia, Lorena, Roberta e ao Carlos Eduardo Bezerra pela ajuda competente nessa aventura.

Infelizmente, não posso terminar dizendo que as coisas tristes que contarei nesse livro fazem parte do passado. A crueldade que acontecia nas senzalas ainda existe no Brasil. Negros e brancos são escravizados, oprimidos e humilhados. A diferença é que agora a senzala tem outros nomes: favela, viaduto, calçada, avenida, praça pública. Somente quando cada um de nós tiver a coragem e a fome de justiça de pessoas como o Dragão do Mar e de homens e mulheres negros que acreditaram na sua dignidade, poderemos finalmente, comemorar a liberdade no Brasil. Liberdade com L maiúsculo.

Água logo adiante

Benício e Álvaro correram tão rápido que ninguém percebeu que estavam fugindo. Desceram pelo caminho que levava ao rio, descalços, levantando poeira pela trilha estreita que já conheciam tão bem. Os dois brincavam sempre por ali, tomando banho, catando fruta e caçando cobra-verde. Mas daquela vez seguiam para uma aventura maior que todas as outras já vividas.

Pararam perto da margem, quase sem fôlego, escondidos por detrás de uma árvore, espiando se havia

alguém por perto. Benício deu dois passos à frente e olhou ao redor. Não havia ninguém. Álvaro continuou escondido, pensando em desistir. Não deu tempo. Quando percebeu, o amigo havia descido até a água e já começava a soltar a balsa que estava presa por uma corda, amarrada em uma estaca de madeira fincada no chão. Álvaro correu e subiu na ponta da pequena e frágil embarcação, enquanto Benício pulou com agilidade na outra ponta, segurando a corda. Pegaram os remos e, aos poucos, a balsa afastou-se da margem, indo para o meio do rio Pacoti, que corta a comarca de Aquiraz, no Ceará.

Álvaro empalideceu de medo e susto. Segurava a medalhinha de São José, que o protegia nos momentos de aflição. Por muitos meses, os dois haviam ensaiado aquela aventura, imaginando todos os detalhes, mas agora era verdade. Estavam soltos, sozinhos, no meio do rio. Benício só não gritava de felicidade para não chamar a atenção. Remava com toda força que podia, sorrindo muito e zombando de Álvaro, completamente apavorado. Mas, aos poucos, o susto passou e cada

vez mais os dois gostavam da sensação de liberdade do meio do rio, ouvindo apenas o marulho da água e rumor do vento. Nada mais.

O plano era pegar a pequena balsa que sempre ficava ali, deslizar na água e chegar até a outra margem e ver o que havia por lá, sozinhos. O dono da balsa era Francisco das Chagas, o feitor da fazenda, que costumava atravessar o rio para procurar escravos fugitivos do outro lado. Naquele dia, ele estaria longe e os dois meninos poderiam brincar sem medo.

O plano era perfeito. Ou quase. As coisas não aconteceram conforme o planejado, pois eles não contaram com um inimigo pior que o Francisco das Chagas: a correnteza. Os dois não tinham força suficiente para remar contra a vontade do rio. Em vez de chegar à outra margem, a balsa desceu em linha reta pelo curso do Rio Pacoti e eles não faziam a menor idéia de onde iriam aportar.

Por alguns instantes, Benício imaginou que a balsa pudesse estar indo para o mar. Lembrou das inúmeras vezes em que sua mãe dissera que o caminho de volta

para a África era uma linha reta no oceano. Na sua imaginação de criança, pensou que aquela balsa poderia ir adiante e que chegariam um dia no lugar de onde nunca deveriam ter sido arrancados.

Tentavam remar; em vão. Álvaro estava quase imóvel, sem saber o que fazer. Benício remava de um lado para o outro, tentando encontrar uma forma de reagir. Mas nada. A balsa seguia o curso da correnteza. Olhando pra frente, só enxergavam a água. Daqui a pouco começaria a anoitecer e tudo ficaria mais difícil no escuro.

Com o desespero, um tentou culpar o outro por ter tido a idéia e por não ter lembrado que correnteza existe e só pararam de brigar quando ouviram uma voz chamando lá do ponto de onde saíram:

— Sinhôzim! Ô Sinhozim!

Tudo de que eles precisavam era alguém pra salvá-los daquele perigo. Mas que fosse qualquer pessoa do mundo, menos o Francisco da Chagas. Ele não havia ido para longe como pensaram os meninos. Estava por perto e, naquele final de tarde, já procurava a sua balsa

porque ouvira falar de um escravo fugido que, na madrugada, atravessara o rio a nado.

Ver Francisco das Chagas naquele momento era um pesadelo. Principalmente para Benício. Talvez fosse melhor continuar seguindo o curso do rio, sem saber onde parar, do que cair nas mãos impiedosas do feitor da fazenda.

Seu maior prazer era contar os erros dos escravos para o Sinhô, como ele chamava o poderoso proprietário de terra, gente e bichos, e depois ter o gosto de castigar um por um, pessoalmente, na frente dos outros, para servir de exemplo, como costumava dizer, batendo com o chicote no chão, cuspidando de lado e sorrindo com maldade.

Foi assim que Francisco das Chagas conquistou sua falsa liberdade: passando dias e noites na mata e na senzala, a vigiar os escravos, inventar mentiras e descontar a sua raiva da vida nas costas dos negros. Ele era jovem, robusto e de boa saúde. Criado desde pequeno entre a maldade dos senhores e o sofrimento dos escravos, viu sua família morrer ou se separar pouco a pouco, até

ficar só no mundo. A maneira que encontrou para sobreviver foi ficar perto dos brancos, nem que para isso precisasse trair suas origens e viver dia após dia descontando seu ódio, chicoteando seus irmãos de cor e sangue. Não era uma vida feliz. Ele buscou acabar com a solidão, mas cada vez ficava mais sozinho. Os escravos não o queriam como amigo. Os brancos queriam apenas os seus serviços e sua lealdade cega para ajudá-los a praticar suas maldades. E só pra isso ele servia.



Francisco chamou mais dois escravos para ajudar a puxar a balsa e trazê-la para a margem. Eles nadaram rápido. Francisco das Chagas mandou que empurrassem Benício pra água, pra ajudar a puxar a balsa, enquanto Álvaro assistia a tudo, cada vez mais apavorado. Chegaram em terra firme e já

era noite quando pegaram o mesmo caminho de volta para casa.

Das Chagas olhou para Benício com fúria. Ao mesmo tempo, sentia prazer por estar descobrindo seu erro. E falou com ironia:

— Vosmicê pensou que eu tava longe e aproveitou pra roubar minha balsa, preto fujão. Sinhô Manoel vai gostar de saber disso.

— Francisco, por favor, não conta pro meu pai. Ele vai mandar castigar Benício, eu também tive culpa.

— Nhôzim tem que aprender a não andar com escravo longe de casa. Esse preto tem é que proteger, não botar no perigo.

Das Chagas, como era chamado, tinha muita raiva de Benício. Por ser o escravo pajem de Álvaro, tinha trânsito livre na casa grande, entrava, ganhava um ou outro presente de Álvaro, comia a mesma comida que ele. Isso tudo parecia uma ameaça para o feitor. Seu maior temor era que Benício tomasse seu lugar em poucos anos e passasse a ser o feitor da fazenda.

Mas ele não precisava temer, pois Benício não alimentava esses planos. Amava sua família e nunca teve a menor vontade de fazer nada que não fosse ajudar a libertá-la dos sofrimentos. O sonho de Benício era ser livre e libertar a sua família e não viver a perseguir os escravos como Das Chagas vivia, sendo odiado por todos.

Os dois, Benício e Das Chagas, tinham uma história de vida muito parecida. O que os afastava era o ódio que caracterizava Das Chagas, mas que Benício nunca aceitou guardar no coração.

— Minha mãe sempre diz que raiva é veneno, costumava repetir.

A amizade de Álvaro fazia com que Benício não conseguisse odiar Manoel da Cunha e sua esposa. Por mais que fossem cruéis com os escravos, eram os pais de seu melhor amigo. Era por eles que sua família sofria, sim, mas se algum mal acontecesse com os senhores, Álvaro sofreria muito e ele não era acostumado a sofrer.

Os três voltaram para casa em silêncio. Das Chagas ofendia e empurrava Benício. Álvaro ouvia tudo calado, chorando. Aquela não seria uma noite fácil.

